

Tecnocratas acham que planejamento ainda é possível

O Planejamento não está morto. Ele vai ressurgir no próximo governo eleito a 15 de novembro. O diagnóstico é do ex-ministro do Planejamento dos governos Geisel e Médici, João Paulo dos Reis Velloso, para quem o País não conseguirá enfrentar o atual impasse tecnológico e social, se não for através de um trabalho sistemático de planejamento. Ao contrário, porém, do sistema de planejamento tecnocrático do passado, o ex-ministro sonha com um sistema mais aberto, ligado à Presidência da República, mas com passagem obrigatória pelo Congresso Nacional.

O atual ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, também acha que o planejamento não está morto, mas apenas que teve de passar por uma grande transformação, "vivendo hoje uma nova realidade". O ministro, ao final da abertura da solenidade de comemoração dos 25 anos de criação do IPEA (Instituto de Planejamento Econômico e Social), disse que o órgão nunca foi tão atuante como atualmente. Porém, a maior parte dos participantes do seminário de ontem sustentou que o sistema de planejamento do Brasil de hoje encontra-se completamente asfixiado pelo curtíssimo prazo surgido quase como uma necessidade de convivência com uma inflação de dois dígitos ao mês.

Num filmete exibido para os participantes do seminário que pretende discutir o sistema de planejamento e o desenvolvimento brasileiro, as opiniões convergiram para a necessidade de resgate do sistema. A professora Maria da Conceição Tavares, por exemplo, acha que o maior pecado do planejamento que se fez no Brasil foi o da auto-suficiência. Uma meia dúzia de tecnocratas (entre eles alguns dos seus ex-alunos — ela destaca) queriam dar uma de salvadores da pátria. E a Pátria, para ela, somente pode ser salva pela própria sociedade, dentro de um processo estrutural de acomodação.

A professora Conceição Tava-

res acha que o planejamento ainda tem futuro, desde que voltado para os setores estratégicos e para a busca de novas tecnologias, como ocorre com os Estados Nacionais de sucesso, tais como a França e a Alemanha.

O senador Roberto Campos, responsável pela criação do IPEA, preferiu penitenciar-se "pela sua ingenuidade" nos velhos tempos, de supor que o Estado tudo podia e de maximizar o poder dos tecnocratas.

O ex-secretário-geral da Seplan e presidente do IPEA nos tempos de glória do Instituto, Roberto Cavalcanti, também preferiu o caminho da autocritica, apontando entre os maiores erros do planejamento do passado, o descaso pelos problemas sociais.

Ironia

Mas quem saiu do tom mesmo foi o deputado Delfim Netto, considerado uma espécie de "inimigo número um do IPEA", por pretender extingui-lo, quando ministro do Planejamento. Delfim também fez a sua penitência por ter sido uma pessoa iludida com o planejamento, para ele, mera ingenuidade. Irônico, levou o auditório de economistas do Instituto às gargalhadas quando disse que o órgão era importante apenas para dar emprego aos economistas, ou que os estudos que recebia do IPEA serviam muito para diverti-lo, pois eram produzidos por técnicos totalmente alheios à realidade. E não ficou por aí. Num arremate final, disse que talvez o melhor destino que, quando ministro, poderia ter dado ao IPEA, seria o de deixá-lo viver por conta própria, "andando com as suas quatro pernas". A sutil referência aos burros foi captada rapidamente pelo atento auditório. E todos riram muito. Afinal, o "gordo" já não representa mais nenhum perigo à comunidade acadêmica, quase unânime na crença de que o sistema de planejamento nacional será resgatado com o próximo governo, ao longo de uma nova era de prosperidade que vai acordar o País.